

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Congresso Municipalista do Minho

Os jornais diários da cidade de Braga trazem-nos constantemente notícias reveladoras do entusiasmo com que está sendo acolhida esta assembleia magna dos municípios do Minho.

Promete ser deveras interessante este certamente ao qual os representantes dos varios concelhos concorrem apresentando as suas teses.

Para nós são naturalmente desconhecidos, na sua índole, na sua finalidade, os diversos assuntos que ali vão ser tratados. Há porém uma verdade flagrante que ressalta em nossos olhos à vista da lista das municipalidades que ao congresso vão levar os seus trabalhos: é o interesse bairrista, é a proclamação dos seus direitos, é a afirmação das suas necessidades mais urgentes.

E recolhendo, por instantes, a nossa imaginação irrequieta, pedindo, por momentos, tréguas às ideias que no nosso espirito se revoltam, vimos, com mágua profunda, que Guimarães não figura na lista, já bem sensível, dos municípios que concorrem, com as suas teses, ao congresso do Minho. Instintivamente nos salta esta pergunta banal — porque é que a municipalidade vimaranense abandona deste modo o tablado onde todos vão apresentar as suas queixas e reclamar justiça? E ninguém aparece a responder com aquela altivez e autoridade que deviam ser o orgulho da cidade que deu a independência a Portugal.

Esta falta que já merece de toda a gente terá a justifica-la a vida desafogada, tranqüila, transbordando de riqueza, gloria e favoritismo de Guimarães? De este trabalho do Congresso poderá explicar-se e admitir-se pelas regalias especiais que usufrue este fértil e laborioso concelho? De maneira nenhuma. Guimarães vive de si proprio, exclusivamente do seu esforço, espesinhado por aqueles a quem competia o indeclinavel dever de velar pelo seu progresso, esquecida dos que tudo mandando não curam das necessidades dos seus soburdinados, amesquinhada por aqueles que tinham a obrigação restricta de serem os seus indomáveis defensores. Guimarães precisa de levantar no Congresso Municipalista do Minho, a sua voz vibrante como o maior emporio comercial e industrial da provincia; precisa de impor a sua opinião como alavanca principal do fomento, do progresso desta bela região; precisava de apregoar bem alto o problema de imediata solução da sua viação acelerada; precisava de ter opinião marcante em todas as resoluções que até devem ser tomadas e das quais vai resultar seguramente uma época refulgente para o Minho. E porque não aparece Guimarães a falar? Porque não se ouve a voz dos nossos vaidosos dirigentes? Porque não surgem agora essas manifestações de bairrismo que os vimaranenses tem direito e obrigação de exigir daqueles que no seu traçoeiro cántico de sereias tem procurado adornar tantas iniciativas, tantos esforços?

O Município de Guimarães tem à sua frente um grupo de homens que se propunham o magestoso programa do «Messias», dando-nos aquilo que ha tanto tempo vimos reclamando.

Porque não vai agora essa *pleiade de heróis* defender Guimarães no Congresso dos Municípios?

Porque não surgem agora esses talentos extraordinarios para nos convencerem de que os vimaranenses são injustos quando castigam com a sua repulsa aqueles que contra sua manifesta vontade se apossaram das cadeiras do município? Porque não cumprem os nossos edis o seu indiscutível dever de restricta e energica defesa do que é nosso; de intensa

Diz-se...

Que sempre é verdadeira a informação que nos deram de estar em vias de conclusão o tal *caminhito* do Barco.

Que o mentor da D. Economia é quem substitue esta no seu impedimento de presidente... da edilidade.

Que o desconto feito aos jornaleros pelo "impôsto de salvação pública," é uma arbitrariedade que se não concebe nem percebe.

Que a *casa económica* ali, de S. Domingos, tal como está, sem luz, tem servido para a prática de imoralidades que fariam corar qualquer sr. vereador.

Que vai melhorando da coça teza que levou do povo de Vizela, o representante daquelas terras no nosso município.

Que há um senhor engenheiro que se prepara para vir estudar o alargamento da cidade e que mamará, por estarmos em regimen de economias, uma dezena de contos pela preparação.

Que a Comissão Executiva do 2.º Congresso Eucarístico Nacional, realzado o ano passado nesta cidade, não queire entregar o dinheiro que possui para se fazer a igreja da Penha.

Porque será?... Alerta!

Que um regedor muito notável pela sua vaidosa aspiração a grandesa e mando exhibe o seu talento de atirador à pistôla,

descarregando balas de cima da ponte do rio Ave sobre as inofensivas trutas que se recreiam nas lípidas aguas, sem respeito mesmo pela patrulha da Guarda Republicana.

Que o mesmo regedor se encarrega de proteger e guardar determinadas creaturas desordeiras, fazendo até participações contra individuos por elas ameaçadas com arma de fogo.

Que permite que os seus apaignados cometam tôdos os desacatos, certos da sua protecção, enquanto os desafectos são constantemente perseguidos.

Que o mentor *Joãosinho* reconhece que está a inutilizar-se com os conselhos com que tem orientado a D. Economia.

Que a D. Economia sempre que alguém se lhe abeira no intuito de fazer qualquer reclamação, cruza os braços pudicamente sobre os seios qual tímida donzela, e responde invariavelmente: deixem-me... deixem-me...

Expediente

Vamos proceder á cobrança do presente semestre de «A Velha Guarda» que teve principio com o n.º 168 e termina com o n.º 193.

A fim de evitar devolução de recibos, de nos ocasionarem grandes despesas, esperamos dos nossos presados assinantes a fidesa do pagamento do recibo logo que este lhes seja apresentado.

Este número foi visado pela Comissão de censura.

propaganda do nosso trabalho, da riqueza conquistada exclusivamente pelo proprio esforço, sem qualquer auxilio ou protecção sensíveis? Porque não aparece no momento oportuno o alevantado ardor de bairrismo que balofamente apregoam a todas as esquinas? E' proposito? E' incompetencia? E' dinheiro? E' despreso? E' falta de consideração e respeito pelos supremos interesses de Guimarães? E' o odio mesquinho? E' o orgulho que não sabe defender-se? E' tudo e muito mais.

E' o brilho fulgurante da verdade a reclamar o castigo da mentira constante, da fraude, do dolo, da inepcia, do crime.

E se já não há nos nossos preclaros edis, iluminados pela fumarenta luz da ambição, um vislumbre de dignidade a apontar-lhes o caminho do vender, saibam os vimaranenses aplicar a fábula dos vendilhões do templo e gritar bem alto — Por Guimarães, pelo seu progresso, pela sua propaganda, pela sua honra, pela sua justiça, é preciso que se faça ouvir a sua voz, de um modo bem relevante, no Congresso Municipalista do Minho.

Uma resposta à letra

Dentro dum envelope timbrado com — Amadeu C. Penafort, L.º — veio nos dirigido o penúltimo número de «A Velha Guarda» rasgado aos bocadinhos e com estas palavras que marcam bem a pequenez do individuo que, por ser viajeiro e negligente, devia ter noções mais elevadas:

«Eis o que merece um pasquim destes. Faça politica, mas não minta. A n/ assinatura é-lhe dispensável.»

Em virtude de haver quem enterra a carapuça, parece-nos justo que lembremos aos presados leitores o que se passou com o fornecimento dos tubos para a bôca de incendio das novas instalações dos briosos Bombeiros Voluntários, desta cidade, no firme propósito de Tardamos a verdade.

— Tendo sido ordenado ao sr. Presidente da Câmara que o fornecimento fôsse feito por concurso, pediram-se as propostas em carta fechada a três educandos do artigo e a saber: Eduardo Figueirêdo, Ferreira da Cunha e Amadeu C. Penafort. Apresentadas estas, era justo que fôsses abertas em sessão pública e na presença dos interessados ou de quem os representasse e aí se visse quem fazia o fornecimento pelo preço mais barato.

Ora, tal não succedeu e as duas primeiras propostas foram postas de parte para que o fornecimento fôsse dado ao último dos concorrentes, pelo preço de 26.000 que é igual ao preço apresentado pelo sr. Eduardo de Figueirêdo.

Sabemos que, em caso de igualdade de preços, é de lei fazer a licitação e que o fornecimento será entregue àquele que mais baixar no preço.

Não se atendeu a tal e o compadrio ressaltou nitido para moralização dos costumes politicos e para fazer chegar o «28 de Maio» à cidade e concelho de Guimarães.

Desde que só o sr. Presidente e vereador dos impostos abriram as propostas, temos o direito de acoirar de escândalo o fornecimento dos tubos e merecemos dúvidas o preço de A. Penafort — que dizem as más linguas era de começo a Esc.: 28.50 e que por um *lamentável engano* do... caixeiro passou para 26.000.

O prejudicado foi o sr. Eduardo Figueirêdo, afirmámo-lo em alta voz e com decisão, e não é politica mentirosa este zelo pelos interesses municipais nem tão pouco o desejo de ferir ninguém.

O sigilo feito à volta deste caso não representa senão interesses, imoralidade e incompetência na arte de governar e inoperância; não traduz mais que compadrio grosseiro.

¿ Como explicar que o fornecedor dos tubos se julgue no direito de insultar-nos?

¿ Como classificar um gesto semelhante ao que ele praticou?

Se os nossos presados leitores se deem a esse trabalho e ajuzem de tamanha pequenez.

Uma carta

Do nosso presado amigo e prestante correligionario Sr. João Baptista Sampaio, recebemos com pedido de publicação, a seguinte carta, que nesta data entregou na redacção do nosso colega local «Ecos de Guimarães».

«Sr. Director :

Na correspondencia das Caldas das Taipas, inserta no n.º 516 dos «Ecos de Guimarães», do dia 9 próximo passado, escreveu-se que no relatório apresentado pela Direcção dos Bombeiros Voluntários desta povoação à Assembleia Geral, se dizia que a minha pessoa, quando tesoureiro dessa Associação, não entrou com as importâncias das cotas cobradas no ano de 1925 e 1.º semestre de 1926, acrescentando-se que em meu poder estiveram milhares de escudos, com que negociiei.

E' certo que a actual direcção fez essa caluniosa afirmação no dito relatório, sendo manifesto o intuito de me injuriar em consequência da atitude de hostilidade que eu e outros sócios vimos tomando contra ela.

Porém, a verdade é que essa afirmação é absolutamente mentirosa, porque, como posso provar com documento em meu poder, e que fica à disposição de quem o queira examinar, as quotas do ano de 1925 e 1.º semestre de 1926 não me foram entregues pelo cobrador e consequentemente não podiam ter estado na minha mão.

Na minha qualidade de tesoureiro daquela Associação retive, durante o exercício do cargo, alguns milhares de escudos, de donativos a ela feitos; de certo, ninguém contestará que era na minha mão que elles deviam estar, em vista das funções que desempenhava, que me obrigavam a pagar as despesas quotidianas com as obras da estação.

Jamais negociiei com capitais da Associação, nem precisava de negociar, pelo que repto o *honestissimo* correspondente e a actual Direcção da mesma a fazerem a prova do que afirmaram, sob pena de serem havidos por caluniadores.

Para terminar direi que jámais pratiquei actos de ataque à bolsa alheia ou de desvios de dinheiros de terceiro, do que outros se não podem vangloriar.

Agradecendo a publicação destas linhas, creia-me com estima,

De V. S.ª at.º ven.º e obrg.º

João Baptista Sampaio.»

Um prostituto...

Em resposta ao ignobil e cobarde escriba do «levando a vidinha» do «Ecos», somos a dizer-lhe que disposição alguma há que proíba a qualquer professor do liceu ter em sua casa alunos do mesmo, sendo-lhe sómente vedado a leccionação particular enquanto desempenhar aquele cargo.

Isto é o que a lei diz e que o escriba ignorante mas atrevido não sabia.

O cada um podêr «levar a vidinha» dum modo honrado, trabalhando para sustentar os seus, aumentando assim os proventos do parco vencimento que a sua posição lhe garante, não é caso para o deslustrar, bem antes pelo contrario; mas não ter qualquer posição ou occupação definida e viver á custa dos rendimentos da pessoa com quem se acha ligado é que é deshonroso e miserável pois, segundo Max Nordau, não passa dum prostituto.

E' o que é aquele escriba peçonhento: um prostituto e como tal um miserável que mete nojo a toda a agente.

VERSOS DE UM CEGO

— O SOL!... —

.....
Dizem que o sol é lindo! Ah! quem mo dera ver!...
Um segundo, sequer, em antes de morrer!...

Cá para mim o sol também tem coração:
Ele é cheio d'amor e extremamente bom
P'ra os pequeninos nus, os tristes deserdados,
Que vieram à luz do amor dos desgraçados...
Ele se oscula a flor também oscula o sapo,
Beijo que dá na sêda é o mesmo num farrapo!...
Excita a terra-mãe a fecundar o pão,
Tanto vai a um algár, a um bêco, à podridão,
Como vai a um palácio, a um largo, à opulência,
Para o sol tanto vale o tu como a excelência...

O sol acaricia a mão que dá esmola,
O ombro que se verga ao pêso da sacola,
Os dentes do chacal, a garra da pantera,
E a mão do assassino — a mais completa fera!...

O sol é tam bondoso e cheio de ternura
Que não se esquece de ir beijar a sepultura
Onde frio tombou o nosso corpo um dia!...
O sol quando um doente, na ânsia da agonia,
Está, põe-se a escutar com lágrimas de luz
E entra pela janela a suavisar-lhe a cruz!...
.....
No inverno, de mauhá, ao fundo das escadas,
Ele vem aquecer-me as mãos enregeladas,
E eu sinto-o com ternura e beijo-o com carinho!...
O sol deve ser velhinho, mui velhinho,
Pois já meu visavó, a rir, ao seu postigo,
Lhe chamava de lá o seu velhinho amigo!...

Bendito sejas tu, ó sol, bendito assim!
Bendito sejas tu por séculos sem fim!

DELFIN DE VIMARANES.

A Semana da Criança

O semanário local «O Conquistador» permite-se, a respeito da festa escolar «A Semana da Criança» fazer umas considerações injustas, senão apaixonadas, que não podemos deixar passar como ouro de lei.

O referido jornal classifica de *bolchevista* a referida festa. Nada mais avançado ou retrógado, como quiserem.

Aqui, em Guimarães, festejou-se «A Semana da Criança» em 1925, salvo erro, com os mais lisonjeiros resultados.

Vestiram-se muitas crianças da escola official, visitaram-se as crianças hospitalizadas, os asilos e creche, deixando-se presentinhos aos visitados; deram-se recitas educativas, com entusiásticos aplausos do povo, fez-se um passeio higiênico e educativo a S. Roque; e no fim de tudo foi entregue á Cantina Escolar Vimaranesense cerca de milhar e meio de escudos, saldo da receita, pelo que foram louvados no «Diário do Governo» os promotores e colaboradores de tão prestante e humanitaria festa.

Como se vê dos factos apontados, nada mais *bolcheviste*...

Ah! que é preciso muita paciência para não se escreverem as palavras severas que o assunto nos sugere!

A criança — o futuro cidadão e a mãe de familia de amanhã — merece todo o nosso respeito, todo o nosso carinho, e todo o nosso empenho deve tender para lhe formar um character firme, consciente, e para lhe educar o coração para o bem, para a filantropia, para o amor á Patria, para o amor da humanidade.

E é com esse intuito que se faz no Paiz a festa de «A Semana da Criança» e foi com esse designio que se tem feito em Guimarães por pessoas de bem, por professores honestos e dignos, que se presam de saber cumprir os seus deveres educativos e de sociedade, ou «*socidis*» ainda que o termo possa desagradar.

E' que talvez ao «Conquistador» agradasse mais vêr as crianças em beática procissão, de vela na mão e opa encarnada, a vê-las em cortejos civicos e educativos.

A festa de «A Semana da Criança» não se faz este ano em Guimarães, por causa da comemoração do 8.º centenario da Batalha de S. Mamede.

Se não fôsse estoutra festa, certamente se fazia, apesar de *bolchevista*.

E ficamos por aqui para não alongar mais o assunto, fazendo outras apreciações que o caso merecia.

Fogo vivo

Não é bem a carta de S. Paulo ao gentio, nem tem semelhança com as invectivas de Cicero ao malaventurado Catilina. Aquilo é sermão da montanha pregado por abade de aldeia, lengalenga de invertebrado em hora de mau genio. Suponham voelencias o Leitão armado em censor e terão, sem mais aquelas, a completa noção do acaciano gêlo, que teima em partir os chamiços contra a vida particular de seus contrários em política.

E com que gôso êle se refocila na feia acção!...

Como cevado fossão em pestilento monturo, o safaro gêlo mexe e remexe, fossa e torna a fossar, delectado, baboso, sórdido como a vasa em que imbecilmente se atola.

Lê a gente aquele sermão de pinto e pasma da audácia, do desplante do gêbo, que não vendo na apoucada moleira recursos para melhor figura, para figura decente, descamba, petulantemente senhoril a pôr ameaça nas entrelinhas, na esperança — o grande pateta — de que o tomemos a serio e cheguemos a temê-lo.

Ouve gêbo, ultima incarnação do laureado e capeado Acácio: nem uma só das tuas invectivas contra «A Velha Guarda» ficará sem condigna resposta. E como aqui não há jarrões, e como aqui não há troca-tintas, a defesa — nós estamos na defesa — há-de corresponder ao ataque.

Quer o gebo ser correcto? Nós seremos correctos.

Não quer e prefere a naifa á pena, nós servir-nos-emos da biqueira da bota, que, pelo visto, é o quanto basta.

Entendidos.

Aquela luminaríssima prosa é de paternidade obscura, se pela aragem se vê quem vai na carruagem, quer-nos parecer que a pobresita foi engendrada no obtuso cérebro de qualquer deserdado de... intelligência e profissão. Vadia, sem gramática nem lógica que a perfilhem, a safada prosa está a pôr o dêdo nas ventas do autor. Aquele r-a-m-ram, aquele chiar de navalha, aquele tic lazarento e seus ares de Rei da Grécia em grande uniforme, tudo isso nos leva a crêr que podemos gritar: «Já te matei, ó chocha. Toma lá pinhões!»

Coitados dos pobres de espirito... Lá rezam as sagradas escrituras que deles é o reino dos ceus; mas, o que as escrituras não dizem, nem profetizam, é que deles são as *reinos* da terra, isso não. Pelo que e pelo resto que

dos autos consta, nada há que nos coiba de lhes pôr a calva á mostra sempre que disso mister haja.

Já D. Fernando, de Portugal e *algarviorum rex*, assim fez, se não nos enganamos, e nós não somos menos do que sua senhoria em questão de brio. Pelo menos, no que toca a conde Andeiro. Nesta ordem de ideias não se extranhe que usemos, uma vez para exemplo, com o gêbo a violencia que o citado *rex algarviorum* que não era, dizem as crónicas, bolchevista, usou para com as vadias illustres.

Rira bien...

Pelas Taipas

Todos os anos é costume, aliás muito louvavel, proceder a uma limpeza nas ruas desta povoação e prepara-las para não darem á colonia thermal a ideia de que estamos em uma terra onde não ha aceio nem higiene.

Pois este ano, talvez porque o senhor vereador da hygiene é médico e reside nas Taipas, não se procedeu a esse serviço encontrando-se as ruas de ligação dos balnearios e de acesso aos mesmos em tal estado que mais parecem campos de crescida herva. E para isto não olha o solcito correspondente do «Ecos de Guimarães» que está sempre de caneta em riste para censurar aqueles que não ligam importancia á sua pretensa soberania.

O mesmo famigerado correspondente do «Ecos», cujo cargo acumula com o de orientador e secretario de todas as tranquiernas que nesta povoação digna de melhor sorte, se vem fazendo, não se cança de anavalhar individuos dignos, de character e de dedicação pela terra.

E assim vem em uma lengalenga pretendendo justificar o acto da Direcção dos Bombeiros, que mereceu a repulsa de toda a gente de bem, expulsando abusivamente e ilegalmente, o illustre comandante e varios sócios daquelle Corporação. E em uma audácia indiscretivel começa a citar artigos e capitulos dos Estatutos aprovados. Também por cá se sabe, pois conseguimos um exemplar já velhinho dos Estatutos, qual é a lei que regula a Associação dos Bombeiros. E também por eles vimos que a Direcção está exercendo ilegalmente o seu cargo, que o disposto no Estatuto não é respeitado, que as contas não estavam em exposição para serem examinadas pelos sócios etc. etc.

E o celebre relatório a que o

A' volta dum acontecimento

O oitavo centenario da Batalha de S. Mamede

(Continuado do n.º 182).

E D. Urraca, retida em Castellar, pôde insinuar no ânimo dos súbditos o meio de entronar na Galisa o jovem Raimundes que, na sua desolada infancia, corraera eminentes perigos. Havia neste gesto qualquer coisa mais que um manejo politico, imposição maior que o amor materno, despartado nesta conjuntura. E' que no testamento de Afonso VI destacavam-se uma clausula que assegurava a seu neto a posse daquella provincia no caso de sua filha contraír novo matrimonio. D. Urraca, desprezando primeiro esta clausula, evocava-a agora para iniciar de certo modo a guerra contra o marido.

D. Henrique levava pois enorme vantagem naquele tratado. Mas, contra todas as esperanças, dá-se sempre o inevitavel. Afonso de Aragão recebeu segunda vez no seu tálamo matrimonial a leviana rainha de Leão e Castela. Mais uma vez se via só, a braços com o destino zombeteiro e feroz o energico caudilho das armas portugalenses.

(Continúa).

Prêsos, deportados e emigrados políticos

Socorrer suas familias, que padecem talvez os tormentos da indigência, é um acto de fraterna elevação moral, é um gesto incomparavel de civismo, é pagar um tributo que, por consanguinidade de raça, lhes devemos. Essa ideia nobre surgiu nas colunas de «O Rebate». E a mulher de Lisboa, a mulher portuguesa, a alma feminina duma raça de herois até nos sentimentos, desceu a campo e invadiu as salas daquela Redacção, oferecendo-se ao árduo trabalho de mendigar hoje o pão que tantos infelizes devem comer amanhã.

«A Velha Guarda» ovaciona com fervor o seu colega da capital, bem como as sempre heroínas que o secundam.

Leitores de «A Velha Guarda», vimaranenses, republicanos duma só fe, socorrei vossos irmãos! Olhai, todo o País rumoreja por amor deles...

Quem são? Portuguezes, portuguezes, filhos da mesma Patria, gêmeos do mesmo solo.

Vinde á nossa Redacção e deixai-lhes um subsidio.
Viva Portugal.

rancoroso escriba faz referencias onde pára? Porque é que ele não chega ao conhecimento dos Associados que a isso teem todo o direito? Compreendemos bem o motivo. O relatório foi cosinhado em uma reuniãosinha de certos elementos que pretendem tornar-se em conselho sóba das Taipas, e é só para seu uso particular.

Sempre gostavamos de saber porque é que o cavalheiro que tão denodadamente defende os actos dos seus amigos directores da Associação dos Bombeiros, que são também obra sua (e que obra!) não cita o artigo dos estatutos que autorizou a eleição da Direcção em Dezembro e não insta, como justiceiro, para que se faça sem demora o inquerito ordenado pelo Ex.º Sr. Governador Civil.

Seria isso muito mais honesto e digno de que andar a tecer-lhes louvaminhas e publicar fotografias em jornais que tem o direito de andar informados com seriedade e sinceridade.